

A EXPERIÊNCIA DAS CAREER ACADEMIES NOS ESTADOS UNIDOS



Cândido Alberto Gomes

Doutor em Educação pela Universidade da Califórnia, Los Angeles; Professor titular da cátedra sobre Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília; presidente do Comitê de Pesquisa do Conselho Mundial das Sociedades de Educação Comparada.
E-mail: clgomes@terra.com.br

Esta entrevista, a exemplo da publicada na edição anterior, foi feita com um dos eméritos conferencistas do ciclo de seminários internacionais Educação no século XXI: modelos de sucesso, evento realizado em Brasília, em 2007¹. O professor Cândido Alberto Gomes, que participou especificamente do seminário sobre ensino médio diversificado, fala dos pressupostos filosóficos que sustentam o sistema educacional nos EUA, traça as características do ensino médio nesse país e aponta seus pontos positivos e negativos. Na entrevista, o prof. Gomes explica o que são e como funcionam os programas Tech Prep e Career Academies, espécie de esforço concentrado para que o aluno formule seus próprios planos de carreira, supere as dificuldades de aprendizagem e siga em frente. Cabe-nos, agora, buscar encontrar a forma pela qual a experiência norte-americana pode nos ajudar a repensar o ensino médio no Brasil.



Máslova Teixeira Valença

Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Assessora técnica da área Imagem Pessoal do Senac – Departamento Nacional.
E-mail: maslova@senac.br

MÁSLOVA – Os EUA são hoje a maior potência econômica do planeta. Como está estruturado o sistema educacional norte-americano para atender às demandas socioeconômicas do país?

CÂNDIDO GOMES – Os Estados Unidos têm um sistema altamente descentralizado, com elevado nível de autonomia para os estados e os distritos escolares. O equivalente ao Ministério da Educação tem uma pequena parcela do poder do nosso. De acordo com o princípio da liberdade individual, tão cara ao país pelas razões históricas e jurídicas, existem amplas possibilidades de variação e acolhimento de experiências: escolas mais ou menos inovadoras, escolas particulares com administração comunitária, escolas confessionais e um enorme leque de possibilidades. Desse modo, encontra-se do melhor ao mínimo de qualidade estabelecido. É um arco que vai da escola com dificuldades graves de aprendizagem (ou de “ensinagem”),

especialmente nas áreas de população desfavorecida, até aos mais altos níveis de excelência. Com isso, se mantêm grandes núcleos ou arquipélagos da melhor qualidade, que produzem grande parte da pesquisa mundial em todas as áreas e formam os melhores alunos para as profissões e a investigação. Muitos desses núcleos têm alunos com média de aproveitamento mais alta que a dos países que lideram no mundo os testes internacionais de desempenho discente. A cooperação com as empresas e a comunidade tende a ser muito ativa. Ganhar dinheiro não é pecado, conforme Weber mostrou em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Empresário não é necessariamente um lobo do homem, embora a crítica reconheça que estes também existem – e a opinião pública os condena.

Entretanto, a média geral, perigosamente, não tem sido satisfatória, num mundo competitivo, o que pode ameaçar a capacidade de competir econômica e tecnologicamente. Basta observar os resultados do Pisa-2006 sobre ciências: os alunos de 15 anos de idade dos Estados Unidos alcançaram posição significativamente inferior à da média dos países da OCDE, abaixo da Croácia e na companhia da Lituânia, Eslováquia e Espanha. Isso não significa que a educação norte-americana esteja em desmoronamento, mas o sinal amarelo há muito está aceso.

¹ Iniciativa da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, organizada pelo Sistema Confederacional Nacional do Comércio, Sesc e Senac, com apoio do Instituto Alfa e Beto.

Entrevista realizada através de e-mail.

MÁSLOVA – Quais os pressupostos filosóficos que sustentam esse sistema educacional?

CÂNDIDO GOMES – A liberdade individual e grupal, a competitividade, o espírito de equipe, a cooperação e a igualdade (pessoas e grupos são diferentes entre si, porém os seus direitos são iguais). As diversidades da educação e da carreira são consideradas formas para aproveitar ao máximo a grande diversidade de talentos. A contradição é que essas diversidades se hierarquizam e, em parte, negam o princípio da igualdade de oportunidades.

Um grande filósofo norte-americano, John Dewey (1859-1952), propôs uma perspectiva de educação que, em parte, não se cumpriu na prática, nem foi devidamente atualizada. O aluno como centro da aprendizagem, a escola para a vida, a cooperação foram proposições em grande parte dele e dos seus discípulos. Um destes últimos foi Anísio Teixeira, grande renovador da educação brasileira, que fez seguidores como Darcy Ribeiro. No Brasil, a distância entre o pregado e o realizado foi maior ainda. Neste momento histórico, há necessidade pelo menos de revisitar Dewey, a fim de reaprender e de inserir a sua filosofia no quadro referencial da pós-modernidade. Isso não significa que o grande filósofo seja a salvação, mas que deixamos de fazer muitas coisas que devíamos ter feito seriamente há muito tempo. Lá e cá, no Brasil.

MÁSLOVA – Há diferentes modelos de ensino médio por todo o mundo. O sr. poderia descrever brevemente as características do ensino médio nos EUA, apontando quais seriam seus pontos positivos e negativos?

CÂNDIDO GOMES – Com o seu princípio de igualdade de oportunidades, segundo os méritos e os limites de cada um, os

• • •

As diversidades da educação e da carreira são consideradas formas para aproveitar ao máximo a grande diversidade de talentos. A contradição é que essas diversidades se hierarquizam e, em parte, negam o princípio da igualdade de oportunidades.

—



Estados Unidos mantêm várias escolas secundárias sob o mesmo teto, com graus de prestígio e empregabilidade diferentes. É a escola compreensiva. Simplificando a questão, existem o ensino acadêmico, que conduz à educação superior; a educação profissional, que corresponde geralmente ao nível técnico, e os currículos gerais, que não raro diminuem as exigências ao mínimo e acabam por conferir um diploma bem menos prestigioso. Ainda existe a formação de turmas pelo aproveitamento dos alunos, de modo que um menino ou menina pode ser aprovado ao longo da sua escolarização no nível mais alto ou no nível mais baixo, entre os que aprendem mais ou entre os que aprendem menos. Parte desses últimos recebe uma promoção “social” no mal sentido. Se a alocação de uma criança ou jovem a uma turma de maior ou menor exigência define a sua vida escolar futura, é uma antiga e duradoura discussão de pesquisadores e decisores.

Com isso, o modo norte-americano de fazer o ensino médio abre diversos caminhos: permite formar excelentes alunos, mas também estigmatiza aqueles que seguem determinados currículos. No entanto, trata-se das possibilidades e limites da escola compreensiva, em grande parte proposta por Dewey, quando a Revolução Industrial levou à educação de massa. Nesse sistema, cada um deve ir tão longe quanto suas possibilidades permitirem. Assim, muito mais que aqui, os currículos são diversificados e a educação está mais voltada para a vida.

Outra questão, dos anglo-saxônicos, franceses, nossa e de muitos países, é que tende a se formar, entre os adolescentes, uma contracultura da escola. Ser bom aluno, para muitos, é “pagar mico”. Dá prestígio testar e ultrapassar os limites das normas escolares e sociais, ser bom de briga (agora também as meninas), destacar-se em determinados esportes e, para as garotas, ter corpo e manhas que fascinem os rapazes. Os adolescentes dependem dos seus grupos, à medida que recua a convivência familiar, e têm um protagonismo muito maior que há algumas décadas, enquanto a escola pouco mudou. A rigor, não se inventou ainda a escola da pós-modernidade. Precisamos ler Coleman (*A sociedade adolescente*), Dubet, Charlot e outros. Há muito o que aprender.

MÁSLOVA – Um grande problema dos sistemas educacionais em geral e do ensino médio em particular é que eles acabam tornando-se um ponto de estrangulamento, excluindo milhares de pessoas. Como os EUA lidam com essa questão?

CÂNDIDO GOMES – O ensino secundário é para todos, quase todo o grupo de idade se matricula, mas, apesar disso, apenas cerca de três quartos dos alunos terminam o curso. Em princípio, eles estão habilitados à educação superior; contudo, precisam ser aceitos do ponto de vista intelectual (num processo com certas cores subjetivas) por uma instituição que possam pagar. A renda e o chamado capital cultural afastam, de saída, os socialmente menos favorecidos. Assim, abre-se o leque: das melhores universidades às mais obscuras instituições. Os trilhos para a carreira, em grande parte, são assentados durante a educação secundária e antes desta. Quem cursou um currículo pouco exigente, dificilmente será aceito; quem se saiu bem no currículo mais difícil pode chegar à nata da nata universitária. No entanto, o acesso à educação superior se expande, com muitas oportunidades nos cursos profissionalizantes curtos, de dois anos. Clinton chegou a prever a universalização desses cursos, mediante ajuda governamental, sob a forma de bolsas ou créditos.

MÁSLOVA – Quais são as alternativas educacionais disponíveis nos EUA para aqueles que não optam pelo ensino superior?

CÂNDIDO GOMES – Trabalhar numa ocupação menos remunerada, uma vez que as exigências da economia globalizada são cada vez maiores. Ter um curso técnico é muito pouco. Isso é resultado de uma inflação de diplomas, em que, quanto mais as pessoas estudam,

mais sobem as exigências de qualificação e os diplomas valem cada vez menos. As pesquisas se dividem. Ainda assim, existem diversos caminhos, como cursos profissionalizantes oferecidos pelos governos e as *proprietary schools*, escolas profissionalizantes particulares que, não raro, conhecem expressivos nichos do mercado de trabalho e preparam seus alunos para eles.

A pior opção é associada ao fracasso escolar: viver precariamente, na pobreza relativa, com auxílios governamentais (muito reduzidos a partir de Reagan); viver no subemprego, no desemprego intermitente e no falso emprego ou mesmo sem trabalhar. Há também os empregos que pagam o mínimo, insuficiente até para pagar um seguro de saúde. Geralmente esses jovens pertencem às minorias étnicas, estão desiludidos com a escolarização, com o mercado de trabalho, com quase tudo. É um numeroso grupo excluído, que não se insere no que a economia e a sociedade requerem. Uma mensagem que recebem é: vocês se situam na contramão, constituem um peso para a sociedade, não servem para nada.

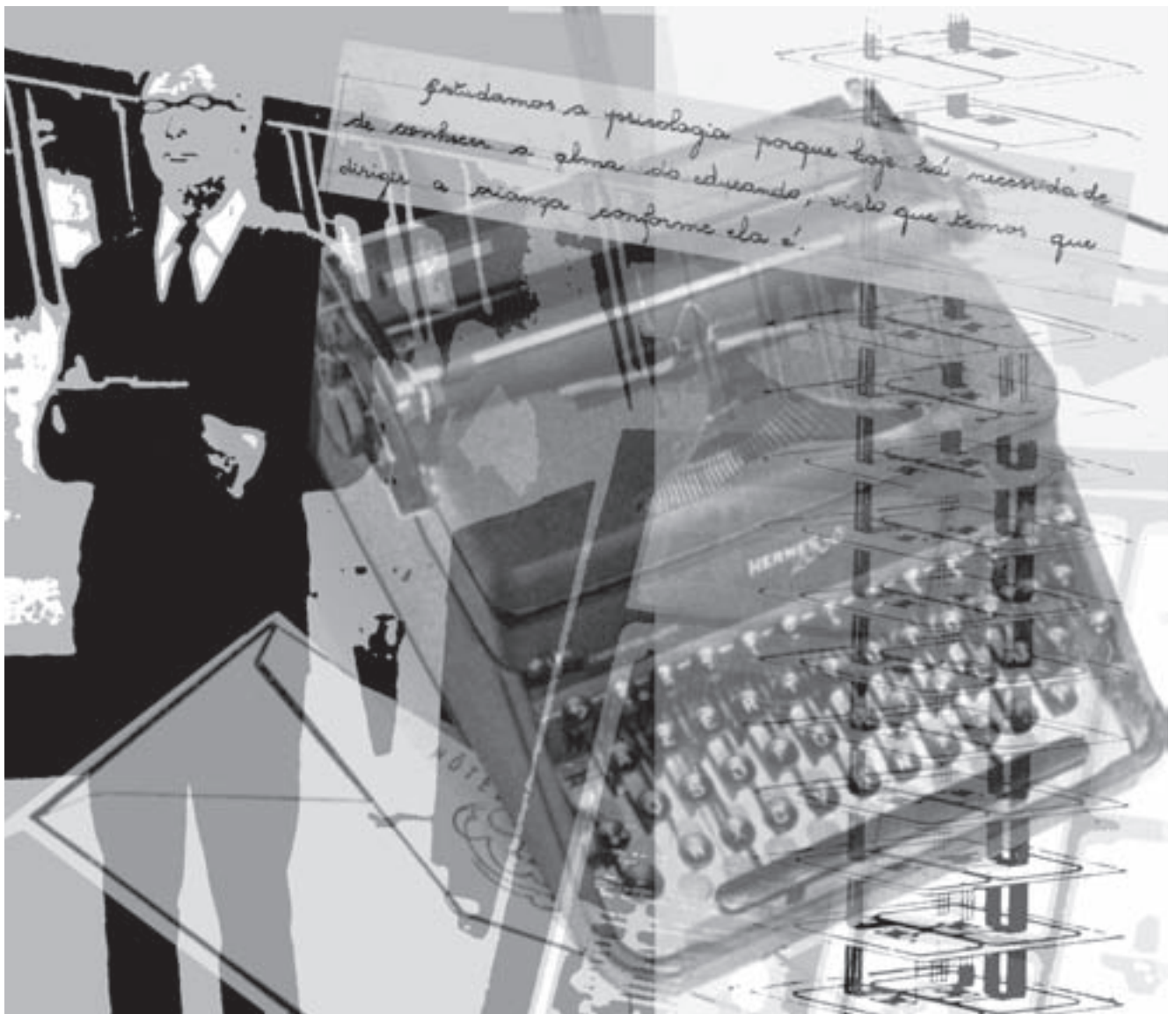
*Com o seu princípio de
igualdade de oportunidades,
segundo os méritos e os
limites de cada um, os
Estados Unidos mantêm
várias escolas secundárias sob
o mesmo teto, com graus de
prestígio e empregabilidade
diferentes.*

MÁSLOVA – Os cidadãos que optam pelo ensino superior têm uma oferta diversificada ou os programas apresentam as mesmas características?

CÂNDIDO GOMES – Em primeiro lugar, existem as carreiras de nível universitário, de quatro anos de duração, nas quais se matricula cerca da metade dos concluintes do ensino secundário. Pode-se estudar nas mais variadas instituições, em termos de qualidade, preço e tipo de credenciamento. As alternativas são as mais variadas possíveis. E assim são traçados os caminhos que podem levar a um emprego altamente remunerado, ao sair da universidade, ou a uma carreira bem mais modesta, já que as condições de empregabilidade são muito menos vantajosas.

MÁSLOVA – O que são e como funcionam os programas Tech Prep e Career Academies? O sr. considera esses modelos bem sucedidos? Por quê?

CÂNDIDO GOMES – Tais programas geralmente são uma escola dentro de uma escola secundária, com alunos voluntários (ao se apresentarem, são selecionados e firmam compromisso). Eles partem da consciência para a carreira profissional e do estudo contextualizado das matérias de educação geral para chegar à profissionalização. Por exemplo, em Física aplicada pode-se abrir um telefone celular ou uma torradeira de pão para dissecá-los, estudar leis, formular e testar hipóteses. À medida que passam os anos, aumenta o envolvimento com o trabalho e a definição da carreira a seguir. Nos últimos anos do ensino secundário, aprofunda-se a formação técnica. A seguir, o aluno entra em um curso superior de dois anos, de caráter profissionalizante e prático. O diploma permite prosseguir nos estudos superiores até a pós-graduação. Duas características contribuem para que esses programas não sejam becos para os alunos: 1) há uma ligação íntima entre a base da educação geral e a educação profissional. Interessa não só saber fazer, mas os porquês, os para quês e a capacidade de aprender a aprender; 2) o diploma



• • •

*há uma ligação íntima
entre a base da educação
geral e a educação
profissional. Interessa não
só saber fazer, mas os
porquês, os para quês e a
capacidade de aprender a
aprender*

• • •

permite a continuidade dos estudos. A interação entre o mercado de trabalho e tais programas é muito estreita, com potencial de ampliar a empregabilidade dos seus formados. Os programas referidos são uma espécie de esforço concentrado para que o aluno formule seus próprios planos realistas de carreira, supere as dificuldades de aprendizagem e siga em frente.

Quanto ao sucesso, existem casos muito positivos. No todo, porém, as evidências de pesquisas avaliativas mostram resultados não muito expressivos, em face do forte desenho dos programas. Em numerosos estudos comparativos, faltam diferenças mais significativas de resultados entre quem cursa e quem não cursa esses programas. Uma pista possível é saber como se implantam os programas e em que medida seguem o desenho original, com que recursos e assim por diante.

MÁSLOVA – Dada a estreita relação entre educação e sociedade, o bom funcionamento de um sistema educativo envolve diferentes atores sociais. Como se dá o engajamento dos atores que participam do processo educativo nos EUA?

CÂNDIDO GOMES – Apesar da metropolização, a comunidade ainda tem um sentido muito importante. Embora não poucas escolas se isolem e tenham dificuldades de conseguir parcerias efetivas, existe um notável senso de responsabilidade e participação. Como não poderia deixar de ser, a cidadania implica o senso de responsabilidade pela coisa pública. Uma escola, apesar de todas as transformações sociais, é um sítio da comunidade. No caso do empresariado, por exemplo, se alguém enriquece, espera-se que tenha o espírito público de devolver algo significativo à comunidade e à sociedade que o

ajudaram a conquistar a sua fortuna. Se não o faz, é visto com narizes torcidos, enfrenta certas barreiras sociais e pode não ser convidado para certas situações prestigiosas. Outra diferença é que se tende a pensar bem à frente, com menos imediatismo. Um membro da sociedade local costuma ver a escola como um lugar de plantar o futuro, de preservar valores éticos, de reunir condições para a felicidade pessoal e a carreira no trabalho. Um empresário muitas vezes observa que a educação pública precisa de apoio para o próprio bem da economia. Por isso, compreende a necessidade de investir, desde que tenha retorno. Por outro lado, nas regiões onde a cidadania é mais forte, os pais têm voz ativa, reclamam e, caso não sejam atendidos, podem recorrer a um sistema judiciário ágil. O problema é que a cidadania é menor onde se concentram os excluídos socialmente, isto é, a pobreza da cidadania está atrelada à pobreza de identidade, de capital cultural e de recursos financeiros. Assim, os rios correm para o mar.



MÁSLOVA – De que forma a experiência norte-americana com o ensino médio pode ser útil para um país como o Brasil? Que lições podem ser mais significativas, considerando a realidade brasileira?

CÂNDIDO GOMES – No caso dos programas profissionalizantes, as pontes entre o trabalho e a escola, as oportunidades de fazer a travessia do ensino médio para a educação superior, os elos entre educação geral e educação profissional, o ensino baseado na realidade, nas visitas, nos laboratórios, procurando sempre dar sentido ao que se aprende. Ninguém aprende nada obrigado, faz-se necessário despertar a vontade interna de aprender, provocar um clique ou um processo que chegue lá. Portanto, cabe perguntar sempre se o que se ensina faz sentido.

Por outro lado, é preciso não ter vergonha da profissionalização. Todos precisamos trabalhar e ganhar a vida com decência e mérito. Essa é uma das dimensões mais fortes da inclusão social. Nenhum país se compõe só de doutores bem sucedidos.

Quanto aos currículos, uma lição que fica é a da relativa integração de disciplinas em torno de problemas. Os nossos currículos do ensino médio são obsoletos: uma lista imensa de disciplinas, situadas como gavetas de uma cômoda: abre-se uma durante 50 minutos, fecha-se, abre-se outra, sem conexão com a anterior por mais 50 minutos e assim por diante. Quando os



alunos terminam um “ciclo de provas”, já está quase no dia de começar outro. O tédio, o mal-estar e o aborrecimento dos adolescentes na escola (conceitos cada vez mais correntes na sociologia da educação) não são tão difíceis de explicar. Que fazem efetivamente os nossos currículos, além de preparar para o acesso possível ou imaginário à educação superior? Voltamos aos anos 1950, com Anísio Teixeira clamando por um ensino médio formativo e não preparatório.

MÁSLOVA – Se entendermos que um sistema educacional deve estar permanentemente em processo de aperfeiçoamento, quais seriam os principais desafios a serem enfrentados visando à melhoria da educação norte-americana?

CÂNDIDO GOMES – Para ser franco, a abundância material, apesar de diversidades, faz parte da realidade dos Estados Unidos. O que diferencia tanto um hospital de outro, uma escola de outra, não se situa tanto nas instalações e equipamentos, porém nos cérebros

que lá estão para mover tudo isso. A educação norte-americana precisa de professores, professores e professores. Bons professores, que não sejam premiados na carreira só pelo número de metros de diplomas. Professores que sejam carismáticos e não burocratas. Professores que tenham resiliência. Há também necessidade de diretores, diretores e diretores. Gestores líderes que não apenas chefiem, mas dêem o tom ao clima de encorajamento e exigência das escolas. É preciso escolas que desenvolvam a sua capacidade de escuta e de aprendizagem com os seus próprios acertos e erros. Escolas que saibam lidar com a pós-modernidade e fazer face à contracultura escolar que os alunos criam. Escolas que dêem lugar ao protagonismo e à subjetivação dos alunos. Escolas que não fiquem só remando contra a maré dos alunos, mas que tenham a habilidade de fazer os rios do ensino e da aprendizagem se encontrarem. Em outras palavras, apesar de questões em comum com o Brasil, lá é muito mais complexo melhorar a educação do que aqui.

• • •

É preciso escolas que desenvolvam a sua capacidade de escuta e de aprendizagem com os seus próprios acertos e erros. Escolas que saibam lidar com a pós-modernidade e fazer face à contracultura escolar que os alunos criam

• • •